

paraibana, como empresários, políticos e elementos populares que marcaram época no Estado. Capítulos do livro, como os intitulados “Sabores Regionais, Brejo, Sertão, Cariri e as Noites Campinenses”, “Provocações nos Criativos e Deliciosos Bares do Interior Paraibano” e “As nem Sempre Alegres e Misteriosas Noites da Boemia e do Sexo” são painéis reveladores da força ética que move o estado de bem viver na Paraíba.

Athur Pedro Bezerra de Menezes  
Fundação Joaquim Nabuco

UPDIKE, John. *Brazil – um romance*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 239 p.

Não deixa de ser no mínimo curioso saber o que pensam a respeito do Brasil os escritores estrangeiros, brasilianistas ou não, que visitam o nosso país. Após uma curta visita ao Brasil, não mais do que duas semanas, John Updike, sem dúvida um dos mais respeitáveis ficcionistas em língua inglesa na atualidade, publicou um romance, no qual, além do seu enredo, faz uma curiosa incursão a seu modo etnográfico, senão parassociológica, na realidade brasileira, não sem antes mergulhar em uma literatura, que inclui alguns clássicos obrigatórios e outros de importância discutível aos seus propósitos, todos já traduzidos para o inglês: *Os sertões*, *Tristes Trópicos*, *Na selva brasileira*, de Theodore Roosevelt, *Casa-grande & senzala*, os romances e contos de Machado de Assis, Graciliano Ramos, Clarisse Lispector, Rubem Fonseca, Ana Miranda, Jorge Amado, Nélide Piñon, além do tendenciosíssimo e equivocado *Brazil*, de Elizabeth Bishop e *Red Gold*, de John Hemming. Mesmo assim, fundamentado em alguns dos maiores intérpretes da cultura brasileira, entre os quais ressalta Gilberto Freyre, não consegue desvencilhar-se do surrado estereótipo, calvinista, moeda corrente no mundo anglo-saxão, do brasileiro: “Um romântico incorrigível – impetuoso, sem senso prático hedonista, galante e cheio de vida”. (p.64).

A paixão erótica de Tristão e Isolda constitui o *plot* da relação entre Tristão e Isabel, protagonistas do seu romance. É por intermédio deles, portanto, que o autor nos leva a empreender uma longa viagem pelo Brasil, das grandes metrópoles aos mais selvagens rincões do país,

pela selva e pelos mais selvagens dos asfaltos urbanos brasileiros. Ao fim de tudo, temos um novo Updike, já não o Updike profundamente psicologista e sociologista da tetralogia em torno de Harry Angstrom, o Coelho, mas um escritor que se deixa levar pela fantástica recriação dos fatos, sem, contudo, conseguir deixar de lado a sua natural tendência à penetração no universo psicológico e social dos seus personagens. E é aí que o leitor se depara tanto com a inegável pertinência quanto pelos equívocos tendenciosos do autor como a sua preferência pelo exotismo da cor local. Para Updike, seguindo a antiga falácia eurocêntrica do determinismo geográfico, repetido por Lèvi-Strauss: “Durante o dia o ar dos trópicos sugere que nada se pode fazer, que decomposição e lassidão são o destino humano”(p.230). Mas acerta em cheio ao observar que: “Pertencer à classe média no Brasil é desfrutar do que, em países de riquezas mais equitativamente distribuída, seria um estilo de vida aristocrática. Os empregados são mais baratos que aparelhos domésticos” (p.216). Não deixa de ser poeticamente sutil a sua observação, a respeito de Isabel, que passa da branca do início para a preta na segunda metade do romance: “Sempre foi negra, a sua brancura era um disfarce. A engraçada inclinação de seu rosto e a maneira como você arqueava os pés eram negras” (p.192). Como não lembrar Gilberto Freyre, que tão enfaticamente chamou a atenção para a negritude essencial de todo brasileiro, principalmente através da figura do chamado “mulato branco”? E é ao próprio Gilberto Freyre que Updike recorre para falar da importância do elemento negro na formação e caracterização da sociedade brasileira: “ninguém menos que Gilberto Freyre nos afirma que, se os primeiros colonizadores não houvessem importando africanos para animar seus núcleos de colonização, toda a aventura brasileira poderia ter definhado de pura tristeza” (p.210).

Ao final da sua aventura além de descobrir um novo Updike, estamos certos de que valeu a pena reencontrar a mesma sutileza poética, a mesma riqueza imaginativa de um grande escritor.

*Sebastião Vila Nova*  
Fundação Joaquim Nabuco  
Universidade Católica de Pernambuco